

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 1, Jul. 2012

UM TEMPO MÍTICO EM GUIMARÃES ROSA

GUIMARÃES ROSA : A MYTH'S TIME

Betina Ribeiro Rodrigues da CUNHA (UFU)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 15/06/2012 • APROVADO EM 15/07/2012

Resumo

Este artigo analisa a constituição do tempo da narrativa de Guimarães Rosa em "Um moço muito branco", conto de *Primeiras estórias*. Parte da hipótese de que esse tempo funciona reatualizando um tempo mítico em que significam ritos de passagem, modelos místicos e diferentes arquétipos simbólicos. A análise explicita que a construção temporal em "Um moço muito branco" ressalta ali uma trama ficcional que guarda relações temático-semânticas e discursivas tanto com o mito quanto com o conto maravilhoso, o que, em consequência, constitui e faz ressoar a força da polissemia da palavra e da escritura rosiana.

Abstract

This article analyses how narrative time is organized in Guimarães Rosa's short story "Um moço muito branco" that belongs to his book *Primeiras estórias*. It validates the hypothesis according to which time in "Um moço muito branco" updates a mythical time in which rituals and rites of passage, mystical patterns and different symbolical archetypes mean. The analysis shows that the construction of narrative time in "Um moço muito branco" highlights a fictional plot that keeps meaning and discursive relations with both the myth and the folktale models.

And that, consequently, constitutes and resonates the polysemic strength of Rosa's word and writing.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa. Tempo. Mito. Conto.

KEYWORDS: Guimarães Rosa; time; myth short story; brazilian literature

PESSOAS: Meuriss Aragão [pseud.]. Soares Guiomar [pseud.].

OBRAS: Primeiras histórias. Ave, Palavra.

Texto integral

Lê-se em *Ave, Palavra*¹

Saudade, sempre
sem mim
me agarro a tanto de mim
 não aqui já existente
sobre tudo e abismo.
Horas são outrora
além – de. O
muito em mim me faz:
som de solidão.

O poema – escrito por Meuriss Aragão, “outro poeta de bolso. Jovem, sem jeito, em sua primeira fase, provavelmente extinta”, como alude Guimarães Rosa a seu pseudônimo, nascido em substituição a Soares Guiomar que “agora pára longe, certo à beira do Riachinho Sirimim, lugar de se querer bem” – reacende, de forma incisiva e questionadora, o permanente debate entre o homem racional, objetivo, condicionado a um mundo socialmente determinado, com balizas espaço-temporais bem demarcadas, e seu duplo.

A questão da relação com seu duplo, um outro é sempre muito intensa e conduz a uma medida de identidade consigo próprio. Não se pode negar o fato de que o poema citado é, por si só, uma produção alicerçada na busca e no apaziguamento das dores advindas da visão do sujeito. Concretamente, o poeta Aragão é um simulacro de Guimarães Rosa, poeta, que se veste de G. Rosa, o ser, o homem. Esse outro, constrangido pela existência finita, constantemente insatisfeito com seu destino, experimenta, na verdade, a saudade de um estado de vida e de alma desconhecido que, no entanto, é vislumbrado como promessa de liberdade absoluta; promessa de abolição das categorias espaço-temporais, de explicação do mundo e da vida.

Enfim, esse outro investe na possibilidade de instauração de uma verdade, absoluta, a abraçá-lo na sua totalidade constitutiva, na sua busca de equilíbrio ontológico, de silêncio para com o “som da solidão”.

Tal desconforto, ausência-saudade-universidade-diversidade, só se concretiza pela palavra que, ansiando preencher representações, se esforça para chegar aos caminhos do imaginário, na expectativa de traduzir metamorfoses e desenhar caminhos pelos quais o homem reconheça-se, libere-se, realize-se, promovendo, em consequência, a revelação de uma unidade fragmentada, mas harmoniosa, singular e transcendente.

A palavra – emoção, conceito, sentido – é, assim, o resultado de uma experiência criadora também singular que aposta na pluralidade sígnica e na autonomia da poesia-palavra para, através da linguagem, configurar a ordem essencial do mundo da sensibilidade e desvelar o encontro e a comunicação permanente do homem com o mundo, com as horas que “... são outrora além-de”.

Portanto, a palavra e a linguagem poética possibilitam a instauração de um mundo ficcional, testemunho de uma experiência existencial sob forma de texto literário que, por sua vez, se aproxima da narrativa e do conteúdo míticos exatamente por se dispor a revelar os mistérios inefáveis, a apaziguar as dicotomias, a reestabelecer o equilíbrio dos contrários.

Assim, falar de mito é falar de conto²; ambos subvertem as teorias que os definem, exibindo uma viva correlação que, em Guimarães Rosa, especialmente em *Primeiras estórias*, torna-se exemplo de uma narrativa intemporal e pluridimensional, cujas fronteiras ultrapassam os limites claros da racionalidade para situarem-se em sutis espaços da imaginação simbólica. Modelo ímpar, a confirmar esta subversão, o conto “Um moço muito branco” carrega elementos narrativos e ficcionais que permitem alinhar diferentes considerações.

O conto, temporal e espacialmente marcado, narra um episódio acontecido “na noite de 11 de novembro de 1872, na comarca do Serro Frio, em Minas Gerais”, tendo sido os fatos “referidos nas folhas da época e exarados nas Efemérides”. A estória resgata a história de cataclismos que se sucederam a um fenômeno luminoso implacável e devastador, quando “a Terra se abalou, num terremoto que sacudiu os altos, quebrou e entulhou casas, remexeu vales, matou gente sem conta”. Houve estragos sem conta no vilarejo e arredores: “mesmo a distância do astroso arredor, a muita criatura e criação pereceu, soterradas ou afogadas. Outros vagavam ao deus-dar, nem sabendo mais, no avesso, os caminhos de outrora”.

Atualização moderna e alegórica do dilúvio bíblico, o episódio citado por Rosa pode, por um lado, lembrar o castigo divino ao homem pretensioso,

autossuficiente que, punido pelos seus exageros, tem em Noé o escolhido para exercer a justiça divina³. Por outro lado, essa descrição, mostrando inundações e estragos, pode carregar um significado simbólico de instalação do caos primitivo, de acontecimentos catastróficos gerados pelas disparidades do homem e que exigem, conseqüentemente, uma mudança de atitude, uma proposta de comportamento renovado, permitindo a sobrevivência e a preservação da vida, a partir de uma apologia de justiça e humanidade revividas.

A este episódio, segue-se, na narrativa, a chegada, no vilarejo, especialmente no pátio da Fazenda do Casco, de Hilário Cordeiro, de um moço, fugitivo provavelmente, em condições lastimáveis; um moço “tão branco; mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade”.

Bem recebido e acolhido por seu benfeitor, “um homem cordial para os pobres”, o moço, “com os sustos e baques, passara por desgraça extraordinária: perda a completa memória de si, sua pessoa, além do uso da fala”; fazendo com que o narrador questione: “esse moço, pois, para ele sendo igual matéria o futuro e o passado? Nada ouvindo, não respondia, nem que não, nem que sim; o que era coisa de compaixão lamentosa”.

O narrador⁴ participa de um sentimento geral, misto de pena, curiosidade, desconforto e perplexidade pela presença inexplicável desse “moço muito branco” que, no entanto, parece não se impressionar com a situação inusitada. Ao contrário, “Tonho não era. Só aquela intenção sonhosa, o certo cansaço no ar”, como a intuir uma presença-ausência que com ele habitava, proporcionando uma expectativa e um enfado próprios da relação com o mundo concreto.

Nesse sentido, pode-se conceber a ideia de que a chegada desse moço na comarca de Serro Frio, que “fazia para si uma outra raça” – como a insistir na misteriosa, mas representativa alteridade desse indivíduo enigmático, que incomoda pela incomunicabilidade não assentada em uma linguagem reconhecida e compartilhada. E incomoda ainda por deixar expostas as lacunas e fragilidade dessa comunidade que não lhe preenche, mesmo dividindo hábitos, crenças, espaços.

Solidariedade e entendimento não são, entretanto, suficientes ao estrangeiro:

Triste, dito, não; mas: como se conseguisse, em si, mais saudade que as demais pessoas, saudade inteirada, a salvo do entendimento, e que por tanto se apurava numa maior alegria – coração de cão com dono. Seu

O “homem muito branco” passa a ser; ele guarda na presença física que se alegoriza um estado afetivo cuja experiência, vivida por ele, testemunha uma visão diferente do universo: outro mundo, uma verdadeira vida, sensível e impressiva, aguçando, no povoado, os sentidos mais íntimos ao mesmo tempo em que realça a atração enigmática dessa possibilidade. Esta, aliás, se fortalece na medida em que devolve, na consciência do homem, a convivência do fragmentado em uma unidade: passado, presente, futuro se encontram em um tempo acronológico, sem espaço definido, a não ser aquele ocupado pela saudade, pela expectativa da essência.

Progressivamente, do incômodo oferecido pelo moço – a Igreja, inclusive, se dispõe a participar o acontecido a Sé de Mariana – cresce a sensação de diferença, de alteridade. “Comparados com eles, nós todos, comuns, temos o semblante duro e o aspecto de má fadiga constante”. Intromete-se o alterego do narrador, também conhecedor da missiva enviada, sobre o assunto, ao Cônego Lessa,

[...] na qual igualmente dá menção do preto José Kakende [...] por impor sua visão da beira do rio: [...] o rojo de vento e grandeza de nuvem, em resplendor, e nela, entre logo, se movendo uma artimanha amarelo-escura, avoante trem, chato e redondo, com redoma de vidro sobreposta, azulosa, e que, pousando, de dentro, desceram os Arcanjos, mediante rodas, labaredas e rumores [...] (ROSA,1995, p. 151)

J. Kakende, escravo alforriado e de ideia conturbada insiste em contar essa aparição, vista no dia da catástrofe, às margens do Rio do Peixe, como a garantir, em consequência, o caráter de revelação, de metamorfose e essencialidade que sua incongruente lucidez pode antecipar. Ao manifestar a presença dos Arcanjos, o negro J. Kakende presentifica, pelo discurso, um elemento de ordem espiritual, cuja simbologia, segundo Chevalier e Gheerbrant (1990), oscila entre uma interpretação psicanalítica que delega, aos anjos, o símbolo de uma função humana sublimada ou de aspiração insatisfeita ou impossível, ou, opostamente, como símbolo de funções divinas e das relações de Deus com as criaturas.

Rilke, lido por esses estudiosos, amplia a simbologia, delegando aos anjos a representação da criatura na qual aparece realizada a transformação do visível em invisível que se produz no ser humano⁵. Pode-se, em

consequência dessa afirmação, argumentar que o negro, na sua profunda lucidez sensível, antecipa uma das possíveis explicações da existência do “moço muito branco” no vilarejo. Seria o visitante a concretização de uma metamorfose existencial, transcendente, a recuperar ou a desvelar uma possibilidade de experiência universalizante, situada na descoberta da harmonia e da intemporalidade absolutizadas pelo caráter mítico?

Aliás, esse caráter mítico é realçado pela instauração da narrativa reveladora que caminha no interior da estória rosiana: aí, progressivamente, o visitante vai anotando modificações comportamentais e existenciais advindas da singularidade e da convivência com o “moço muito branco”. Este, “praticando aquela liberdade vaporosa e o espírito de solidão” ou, ainda, “de estranha memória, só, pois, a de olhar ele sempre para cima, o mesmo para o dia que para a noite – espiador de estrelas”, devolve à moça Viviana, “a mais formosa, tinha-se para admirar que a beleza do feitio lhe não servisse para transformar, no interior, a própria e vagarosa tristeza” – o dom da alegria e da vida.

A Hilário Cordeiro, seu zeloso anfitrião, “passou a dar sorte, quer na saúde e paz, em sua casa, seja no assaz prosperar dos negócios, cabedais e haveres”; a Duarte Dias – pai de Viviana, de comportamento até então furioso e insensato – o estrangeiro favorece com “uma grupiara de diamantes”, cavada nas terras do fazendeiro. Este, passando por uma enorme transformação, torna-se, “da data em diante, um homem sucinto, virtuoso e bondoso, suspendentemente, consoante o asseverar sobremaravilhado dos corvos”.

Até mesmo o cego – soube-se, depois! – foi agraciado pelo homem com uma semente

[...] plantada após o remate dos fatos aqui ainda por narrar: e deu um azulado pé de flor, da mais rara e inesperada: com entreaspecto de serem várias flores numa única, entremeadas de maneira impossível, num primor confuso, e, as cores, ninguém a respeito delas concordou, por desconhecidas no século [...]. (ROSA, 1995, p. 152-153)

E, provavelmente, essa semente fora trazida de um mundo estranho, onde se produziam espécies estranhas ao conhecimento usual deste território e desta comunidade.

Igualmente interessante – e surpreendente! – é observar o desenrolar desses episódios, narrados por José Kakende, cuja presença e participação nos fatos ocorridos não aplacaram a estranheza, a quase

incredulidade. Resultantes do acontecimento final, ou melhor, dos últimos atos do “moço muito branco”, que desaparecera em um tempo de trovadas secas.

José Kakende contava somente que o ajudara a acender, de secreto, com formato, nove fogueiras; e, mais, o Kakende soubesse apenas repetir aquelas suas velhas e divagadas visões – de nuvem, chamas, ruídos, redondos, rodas, geringonça e entes. Com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas. (ROSA, 1995, p. 155)

Pode-se inferir, pelo conhecimento mostrado pelo narrador da estória, que a mesma turbulência enunciadora da chegada do estrangeiro na comarca de Serro Frio anunciou a sua suposta ou presumida partida, como a marcar, ritualisticamente, a passagem e a transformação vividas – tal como a experiência mítica pode avalizar – e experimentadas por uma comunidade escolhida. Esta, premiada pelo acolhimento sagrado, ao ser exposta a uma condição “oral”, mas liberada dos alçozes da racionalidade, passa a uma condição singular, reunindo, paralelamente às manifestações de aspiração do homem integral, uma nova compreensão da liberdade individual e universal, uma nova medida de renascimento, a partir da graça, da purificação; ou seja, de um projeto ambicioso de salvação humana, ordenado segundo outros parâmetros existenciais, ontológicos, afetivos e, sobretudo, originais na sua profunda consciência da solidariedade humana.

O moço muito branco, ao desaparecer “com a primeira luz do sol [...] tidas asas”, deixa, com sua passagem, uma solução dialética de conflitos, equilíbrio mediador entre realidades aparentemente opostas na sua convivência e universalidade. Deixa, ainda, uma lacuna existencial, de “saudade, sempre”, como relembra o poema que dá início a essa etapa da análise. Por último, aos habitantes de Serro Frio ficou o “som da solidão”, “uma saudade e meia-morte, só de imaginarem nele”. Ficou a perplexidade. “E mais nada”.

Nesse sentido, pensando, mais uma vez, a relação mito-conto, pode-se sublinhar algumas observações articuladas em torno dessa caracterização e que, por conseguinte, levam E. Mioletinski a apontar algumas das fases principais do processo de transformação do mito em conto maravilhoso:

[...] a desritualização e dessacralização, o debilitamento da fé rigorosa na autenticidade dos “acontecimentos” míticos, o desenvolvimento da invenção consciente, a perda da concretude etnográfica, a substituição dos heróis míticos por homens comuns, do tempo mítico pelo tempo fabular indefinido, o enfraquecimento ou a perda do etiologismo, o deslocamento da atuação dos

destinos coletivos para os individuais e dos cósmicos para os sociais, fato ao qual está relacionado o surgimento de uma série de novos temas e algumas limitações estruturais. (MIELIETINSKI, 1987, p. 309)

Podem-se acentuar, dentro dessas ponderações, algumas que, a partir do conto "Um moço muito branco", demonstram uma orientação para o conto maravilhoso, mesmo que, em outros momentos, mantenham forte interferência de atualizações mitológicas e suas influências.

José Kakende – desacreditado na sua visionária lucidez – passa a vestir a roupagem de um demiurgo que, intermediando a interpretação da lição divina e a leitura profana da presença e função do “moço muito branco”, dessacraliza o fato, mas, em contrapartida, mantém o caráter inusitado da visita.

Por outro lado, observa-se nessa narrativa, um enfraquecimento das questões etiológicas: a origem das coisas, a presença do estrangeiro em Serro Frio não é questionada de forma contundente; ele é aceito como um bem comum e como um ser especial, que promove a transformação de destinos individuais e do comportamento daqueles que usufruíram de sua convivência.

A desmitologização do tempo da ação, a substituição do tempo da criação primordial por um tempo fabular, porém mais definido, é bastante clara no início do conto. A noite de 11 de novembro de 1872 é substituída, no desfecho final, por uma notação temporal mais ambígua – “no dia da veneranda Santa Brígida”⁶ – que, mesmo resgatando uma baliza religiosa da cristandade, não abandona o aspecto ritualístico escondido no formato e referencial numérico das nove fogueiras: acesas, pode-se imaginar!, em homenagem às nove hierarquias angelicais que intermedeiam a estrutura celeste do exército de Deus. Este exército, aliás, comandado pelos Arcanjos (nome citado por Kakende) ligados a uma maior proximidade de Deus, como elucidada Chevalier e Gheerbrant.

Nesse sentido, pode-se ainda realçar a possibilidade de uma leitura particular que, em alguns aspectos, evidenciaria uma continuação ou uma renovação do papel iniciático e místico anunciado, anteriormente, por seo Giovânio, no conto “O cavalo que bebia cerveja”⁷. Algumas características dos heróis ali presentes – tais como a pureza, simplicidade, ingenuidade, dualidade e disponibilidade para as provações ritualísticas – se repetem em “Um moço muito branco”, permitindo antever uma reunificação moderna de oposições míticas fundamentais. Os heróis perdem a identidade individual, mas ganham uma harmonia existencial, representando, em ambos os casos, um acréscimo de sentido e de expectativa de vida espiritual, de ultrapassagem de etapas mais simplificada do mundo físico em favor de uma

convivência ampliada com os elementos primordiais e com uma visão de mundo mais verdadeira, altruísta e solidária.

Aliás, permanecem, nessas observações, a compreensão e o desenho de uma narrativa que, independentemente da categorização conto maravilhoso, guarda na sua relação com o mito, aproximações temático-semânticas e discursivas, acrescidas de especificidades de uma “literatura de ficção” que, conseqüentemente, só pode referendar a genialidade e a supremacia universal de Guimarães Rosa como “contador de estórias” da modernidade. Segundo seu próprio depoimento, e felizmente! para os pesquisadores que insistem em leituras plurais desse sertanejo, Guimarães Rosa pergunta, já respondendo que “no sertão, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar estórias? A única diferença é simplesmente que eu, em vez de contá-las, escrevia”.

E escrevia-as, notadamente, com seu patrimônio de leitura de mundo e de sensibilidade aguçada pela profunda e sempre urgente necessidade de apaziguar a dor ontológica e a lacuna incômoda, sempre persistente, mas, contraditoriamente, desenhada em versos:

A ausente perfeita
 mal refletida em multidão de espelhos,
 traída pela carne de meus olhos,
 presentida
 uma ou outra vez, quando
 consigo gastar um quanto da minha
 pesada consolação transitória —
 poderás ser,
 a ave
 a água
 a alma? (ROSA, 1995, p. 992)

NOTAS

¹ *Ave, Palavra* é uma obra póstuma de Rosa, cujo volume, por ele preparado, compila notas de viagem, poesias, contos e testemunhos, esparsamente publicados em jornais e revistas brasileiros, entre 1947 e 1967.

² Inúmeros são os estudiosos que tentam conceituar o conto, o mito e suas correlações. Ver, a esse respeito: JOLLES, A. **As formas simples**. Trad. Bras. São Paulo: Cultrix, 1976; MELETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Forense, 1987; PROPP, V. **A morfologia do conto maravilhoso**. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

³ Cf. **Gênesis**. Porto Alegre: L&PM, 2001. pp. 23-31.

⁴ Incluir o narrador como expectador é, ao mesmo tempo, privilegiar a categoria do conto em detrimento da narrativa e, conseqüentemente, da narrativa mítica, como se desenha a hipótese. Deve-se observar, entretanto, que essa denominação visa facilitar a análise e a crítica da estória, até mesmo porque o caráter de contação de história permanece, continuamente, ambivalente. Basta lembrar a voz narrante que diz: “seja que da maneira ainda hoje se conta, mas transtornado incerto, pelo decorrer do tempo, porquanto narrado por filhos ou netos dos que eram rapazes, quer ver que meninos, quando em boa hora o conheceram” (ROSA, J. G. Um moço muito branco. In: **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 150). Texto elaborado conforme as normas para submissão de artigo. Texto elaborado conforme as normas para submissão de artigo.

⁵ Cf. CHEVALIER, J.; CHEERBRANT, A. **Dictionnaire des symboles**. Paris: Robert Laffant; Jupiter, 1982. p. 44.

⁶ A alusão a Santa Brígida é mais uma das armadilhas enigmáticas de Guimarães Rosa. Em uma breve pesquisa, notam-se quatro indicações sobre a santa. A primeira, chamada Santa Brígida da Suécia, padroeira daquele país, é conhecida por muitas visões e revelações proféticas, tendo sido canonizada em 07/10/1391, mas sua festa litúrgica é dia 23 de julho, dia de sua morte; em seguida tem-se a Santa Brígida da Irlanda, reverenciada pelas Igrejas católica, ortodoxa e anglicana, tendo morrido em 524. Os outros dois verbetes se referem a municípios, um na Bahia e outro nas Ilhas Canárias, ambos apontados sem suas datas de fundação. Prefere-se suspeitar aqui que o dia de Santa Brígida ao qual o conto se refere é o dia da Santa Brígida da Irlanda – 23 de julho. Vale insistir, entretanto, que essa datação é uma inferência dentro das inúmeras possibilidades outras.

⁷ Verificar, para este fim, ROSA, J. G. O cavalo que bebia cerveja. In: **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 451.

Referências

CHEVALIER, J.; CHEERBRANT, A. *Dictionnaire des symboles*. Paris: Robert Laffant; Jupiter, 1982. p. 44 - 45.

GÊNESIS. Porto Alegre: L&PM, 2001. pp. 23-31.

JOLLES, A. *As formas simples*. Trad. Bras. São Paulo: Cultrix, 1976;

MELETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Forense, 1987;

PROPP, V. *A morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

ROSA, J. G. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

ROSA, J. G. O cavalo que bebia cerveja. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

ROSA, J. G. Um moço muito branco. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

Para citar este artigo

CUNHA, B. R. R. Um tempo mítico em Guimarães Rosa. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., Jun. 2012, p. 44-54.

O autor

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia, cursos de Especialização no Canadá e Antilhas, Maîtrise ès Lettres na Universidade de Nice (França), Mestrado e Doutorado em Letras, pela Universidade de São Paulo, e pós-doutoramento em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Como professora da Universidade Federal de Uberlândia ocupou diferentes cargos administrativos e desempenhou funções docentes em diversas áreas afins, sobremaneira na área de Literaturas, Língua e Ling. Aplicada. Atualmente, como docente associado e efetivo da Universidade Federal de Uberlândia, desenvolve atividades, na graduação, na área de Língua e Lit. Francesa; na pós graduação, comparece como professor permanente do quadro do Mestrado, orientando e participando de grupos de pesquisa, respondendo, inclusive, como Coordenadora do Mestrado em Teoria Literária. Atua também como avaliadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e como membro do corpo de supervisores de avaliação da SEED/MEC. Tem experiência na área de Letras, Educação, com ênfase em Literatura, Teoria da Literatura, Língua Francesa e Portuguesa, Metodologia e Práticas, atuando - inclusive com diversas publicações - nos seguintes temas: narrativa, discurso literário, análise do discurso, estudos culturais, literatura francesa e brasileira, história da comunicação e práticas de ensino. Cabe ainda realçar a participação, como Membro, da Rede CO3 - Rede Centro-Oeste de Ensino e Pesquisa em Artes, Cultura, Tecnologias Contemporânea